

Rumo a um Santa Inês ainda mais forte.

A primeira fase do Santa Inês foi muito profissional, voltada para a promoção a nível nacional; agora os criadores vivem outra fase, também profissional, voltada para a produção de carne, em regime tropical, indicando o caminho do futuro.

A ovinocultura brasileira passa por um momento de solidificação com mudanças estruturais, culturais e de atitudes em todos os segmentos da cadeia produtiva. No instante em que o Brasil se fortalece economicamente a nível mundial e o agronegócio tem forte influência no PIB nacional, consegue-se atender demandas de consumo em especial com a bovinocultura de corte, tendo já conquistado o título de maior exportador de carne bovina do mundo. As cifras são claras: a pecuária é um dos setores de maior importância para a exportação no país. E mais: nós estamos geográfica e estrategicamente bem situados para atender o mundo.

As ovelhas do Brasil estão diretamente ligadas à alimentação dos humanos, no planeta! Neste contexto, encontramos uma raça ovina de muitas qualidades, com tempo de trabalho genético relativamente pequeno, porém com grande evolução, o que ocasionou uma explosão de mercado nos últimos 15 anos, principalmente pela maciça utilização das modernas práticas das biotecnologias da reprodução. Essa raça chama-se Santa Inês, tendo já passado por diversas etapas de evolução:

I 1970 - desde sua criação através de uma natural seleção de tipo por alguns criadores no Sertão Nordestino no início dos anos 70;

I 1980 - passando pelo reconhecimento oficial da raça no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento - MAPA, e divulgação nacional;

I 1990 - pela persistência de criadores na sua seleção e criação;

I 2000 - pela consolidação a nível nacional se difundindo por todas as regiões brasileiras com alta adaptabilidade nos seus diversos bioclimas;

I 2010 - Foi assim que chegou à grande participação de vários criadores em exposições, leilões, etc., ocasionando uma supervalorização dos animais, de números, de eventos, levando pontos positivos e negativos na evolução dessa cadeia.

Prós e contras

Como ponto positivo destacamos a difusão, divulgação, até mesmo o reconhecimento das qualidades da raça, tornando-a bastante forte dentro da ovinocultura brasileira. Negativamente tivemos uma desorganização na cadeia produtiva da raça, com falhas na comercialização e no direcionamento da criação, onde a grande maioria dos criadores direcionou suas criações para a genética, pensando apenas nas exposições e leilões, esquecendo do comércio da carne ovina, deixando uma lacuna no consumo de corte.

Em 2008, com o advento da crise econômica mundial, várias atividades do agronegócio passaram por dificuldades, dentre elas a ovinocultura, e em especial a raça Santa Inês. Não estava estruturada para suportar tal crise, principalmente pelo fato de não ter uma cadeia produtiva organizada, com uma produção de carne sistematizada. Se estivesse,

passaria, a partir de então, por uma transformação no aprimoramento equilibrado desta cadeia, tornando-se uma raça forte para a atividade, com uma parcela de contribuição para a produção de carne ovina no Brasil.

Temos uma raça que passou por uma seleção natural, com diversas dificuldades; chegou ao sucesso e, novamente, vieram dificuldades e, neste momento, passa por uma solidificação, mantendo-se como uma das melhores alternativas na produção da carne ovina no Brasil.

Trata-se de uma raça que tem um rebanho de bom tamanho, já difundida por todo o país, com alta adaptabilidade e com ótimos índices produtivos e reprodutivos, fortalecendo-se a cada dia, principalmente sendo usada como a linha materna para a produção da carne ovina no país.

Houve falhas? Talvez não; uma vez que o mercado continua sofrendo os mesmos revezes, por falta de tecnologias apropriadas para todas as regiões, climas, situações, etc. O Santa Inês, sendo a raça mais explorada durante mais de 20 anos, foi a mais bombardeada por manejos inadequados, utilização de medicamentos impróprios, etc. A raça foi o “general”, avançou pelo território inimigo e acabou pagando um alto preço, dentro dos currais, pela fragilidade da própria cadeia produtiva. Até hoje, os laboratórios não produzem os medicamentos adequados para todas as regiões. O manejo dos animais deslançados não pode ser o mesmo que dos lanados e semilanados. As informações sobre produção de carne ainda são deficientes. Se não há uma cadeia solidificada, então a raça que estiver na dianteira será a que mais sofrerá.

Por isso, a revista O Berro trouxe uma matéria sobre a raça Dorper, onde uma equipe de renomados criadores afirma ser necessário fazer “o dever de casa”. Ou seja, as grandes raças continuam enfrentando os mesmos problemas, por falta de solidez nos procedimentos da própria cadeia produtiva.

É hora, então, de unir todas as raças produtoras de carne, para traçar estratégias imediatistas; colocar em ação as Câmaras Setoriais e demais órgãos institucionais. A pecuária de ovinos e caprinos precisa caminhar para se tornar o maior rebanho do planeta, pois é o que todos esperam do Brasil.

Santa Inês e Nelore

Comparativamente a outras espécies, nada mais salutar que a comparação com a raça Nelore, que é responsável por ter transformado o Brasil no maior exportador de carne bovina do mundo. Ora, o Nelore é francamente utilizado como linhagem materna de sua produção, eficiente na produção de mestiços cujo destino será o gancho. Observem que o maior volume de matrizes bovinas em produção de carne no Brasil é da raça Nelore, utilizando-se de acasalamentos com a própria raça, mas também, de cruzamentos com diversas outras raças, transformando assim, a pecuária brasileira em uma das mais fortes do mundo, senão a mais forte.

É nesta linha que devemos trabalhar a raça Santa Inês, cada vez mais, e é bom observar que já está sendo trabalhada. Na produção de carne ovina, a raça vem com suas qualidades a se encaixar decisivamente como essencial na produção.

O grande número de criadores que já trabalha com a raça, que está colhendo resultados positivos, ou não, mas que fundamentalmente acredita nela, já passa a servir de exemplo

para direcionar a criação no sentido de produzir carne, aumentando o rebanho para este fim. Claro! - sem também deixar de investir na genética e dar continuidade à seleção de animais registrados, pois os mesmos estarão contribuindo para o aumento do rebanho e para a difusão do melhoramento genético da raça.

Santa Inês em toda fazenda do Sertão, ao lado de vacas e caprinos.

Para que tudo isso ocorra, é necessário que exista uma política associativista, onde a união de todos será fundamental para o sucesso da atividade, levando sempre em consideração que o objetivo e direcionamento deste trabalho é a produção de carne, em um curto ou médio prazo. Que tudo, porém, ocorra de forma gradativa, sem atropelar etapas, com objetividade, fortalecendo toda a cadeia produtiva, onde alguns desafios serão encontrados, e a conscientização do criador de Santa Inês será fundamental para o seu sucesso e o sucesso da raça. Mesmo assim, ainda terá que persistir e acreditar neste desafio que tem, como principal meta, o aumento do rebanho, com produtividade e lucratividade.

Profissionalizar

A profissionalização da atividade é essencial para o sucesso e, neste ponto, não apenas dos próprios criadores, mas principalmente das organizações representadas. Historicamente, foi a raça Santa Inês que demonstrou intenso profissionalismo ao sair do Nordeste, ocupar espaço em todos os Estados brasileiros e abrindo um vigoroso cenário para a ovinocultura no Brasil. Foi uma clara demonstração de que há total possibilidade de se repetir a escalada do profissionalismo, agora com enfoque primordial na produção de carne.

Neste caso especial temos a Associação Brasileira dos Criadores de Santa Inês - ABSI, entidade maior que tem como objetivo principal a promoção da raça e deve ser participativa no trabalho. Cabe a ela tentar não apenas organizar toda a cadeia, mas direcionar a forma de trabalho, orientando seus associados e fazendo um marketing efetivo do seu bem-maior que é a raça Santa Inês, utilizando as tecnologias existentes no mercado. Também trazendo os trabalhos existentes e utilizados em outras associações, como por exemplo, de raças ovinas e caprinas da Espanha, que organiza e coordena toda a cadeia, tornando-a altamente eficiente.

O Santa Inês ocupou espaço em todo Brasil.

Tendo uma raça já provada, com muitas qualidades, bem distribuída e com bom volume em todo o território nacional, com a organização por parte da associação nacional da raça e, principalmente, com a vontade e o interesse dos criadores, o resultado só poderá ser o sucesso da atividade. Com o empenho de todos os envolvidos, sem a utilização de artifícios ou artificialismos, sem a ideia de que a raça viverá sempre de genética elitista, com as devidas preocupações de não se utilizar de supervalorizações de indivíduos, ou concorrências desleais nas exposições de animais.

Conclusão

É possível, sim, que possamos melhorar a ovinocultura no nosso país, fazendo com que atenda as necessidades do mercado, cresça ainda mais e torne-se mais produtiva e lucrativa, para atender o planeta. O crescimento dos rebanhos extensivos no Brasil e a mudança de postura dos criadores já são evidentes. A necessidade dos produtos ovinos é essencial, necessitando, assim, que a organização atue para que haja o pleno funcionamento de toda a cadeia produtiva dos ovinos, em especial para a raça Santa Inês. Não se terá uma ovinocultura moderna sem a presença maciça dos deslanados nordestinos na linha materna. Os ecótipos a serem formados para atender cada região e situação sempre terão sua parcela de sangue deslanado.

Todo esse crescimento e organização mostram que, na base, há a simplicidade de um trabalho a ser desenvolvido. Isso tudo é totalmente possível e viável, já se percebendo movimentações nas diversas regiões por vários criadores. Diante dessa visão, torna-se cada vez mais real a implantação de projetos direcionados para uma pecuária tropicalista, de corte, o que nos leva diretamente a um “Santa Inês ainda mais forte”, como está no título desse artigo.

Felipe Ferreira Adelino de Lima - é Médico-Veterinário, Consultor Pecuário, Jurado de Ovinos e membro do conselho técnico da ABSI.